



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE**

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

MARÍLIA QUEIRÓZ PEREIRA

**FORTALEZA – CEARÁ
2006**

A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARÍLIA QUEIRÓZ PEREIRA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

FORTALEZA – CEARÁ
2006

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade pela universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Marília Queiróz Pereira

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Gláucia Maria de Menezes Ferreira L.D.
Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus parentes (esposo e filhos) e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, bem como a todos os colegas e professores que estiveram comigo durante toda a jornada, sempre com palavras de apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que me iluminou e me direcionou para a realização desta monografia.

RESUMO

Muitas vezes as instituições de ensino têm, em sua proposta pedagógica, a psicomotricidade como técnica de ensino, mas não têm condições de aplicá-la e nem têm profissionais familiarizados com o assunto. Por estas razões acabam por abordar a psicomotricidade de maneira errônea. A finalidade da educação psicomotora não é a aquisição de habilidades gestuais. O trabalho psicomotor é muito mais intenso e objetiva uma melhor aptidão para a aprendizagem, dentro do respeito ao desenvolvimento da criança. As instituições escolares, portanto, precisam repensar o que estão propondo, que tipo de indivíduo querem formar. Principalmente no período da educação infantil, durante o qual a personalidade do indivíduo está sendo formada. Nota-se que o desenvolvimento nas áreas psicomotoras trabalhadas auxilia na vida escolar futura, que se concretiza a partir da fase de aquisição da leitura e da escrita, onde será refletido o que já foi trabalhado para o desenvolvimento psicomotor. Então, o que se discute neste estudo é a importância da psicomotricidade na educação infantil para o bom desenvolvimento e crescimento da criança. Os aspectos relevantes neste contexto são a alegria e a segurança em função da aprendizagem e que a educação infantil esteja voltada para a promoção da interação social, do desenvolvimento das habilidades físicas e intelectuais dos alunos, afirmação do senso de responsabilidade, levando-os a organizar e preparar seu material, a trocar idéias, saber ouvir e debater, descobrir coisas novas, participar de jogos variados de forma ordenada e interiorizar as regras de convívio em grupo. A criança tem que, antes de tudo, sentir prazer em freqüentar a escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE COMO ÁREA DE ESTUDO	09
2. EVOLUÇÃO PSICOMOTORA DA CRIANÇA E SEUS DISTÚRBIOS	17
3. O TRABALHO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	32
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

A área da psicomotricidade ainda não é muito conhecida em nosso país, mas muito se tem desenvolvido. Algumas instituições de ensino, baseadas nos estudos atuais, trazem na sua proposta pedagógica o trabalho com a psicomotricidade, tendo uma visão da relação corpo humano e seus movimentos.

Põe-se em destaque a educação infantil, pois esta é a fase mais apropriada e mais sugerida para desenvolver a educação psicomotora. Já que é na primeira infância que a personalidade do indivíduo é formada. Um dos aspectos mais significativos na concepção de educação infantil é o reconhecimento da criança como sujeito desde o nascimento, ou mesmo, desde a gestação. Este ser está envolvido por várias emoções e vários estímulos, onde os processos de construção da identidade ocorrerão em um emaranhado de expectativas e desejos que corresponderão ao estilo familiar e social.

Os pais, como primeiros educadores, são parte essencial da família e os primeiros responsáveis pela criação de canais de comunicação e construção da identidade. Logo depois vem a escola como meio social. Imersa neste processo de construção a criança chega à escola de educação infantil para evoluir do ser um anexo indiferenciado que pensa que é dentro desta família e passar a ser ela mesma. Vai vivenciar o desconhecido, mexer com os sentimentos e movimentar-se, o que irá auxiliar bastante em seu crescimento. A psicomotricidade “cai como uma luva” neste processo de desenvolvimento. A aprendizagem da criança está diretamente ligada ao seu desenvolvimento motor e este é um fator que torna a psicomotricidade um tema de extraordinária importância, pedagogicamente falando, principalmente na fase de 0 a 6 anos.

A educação psicomotora que se propõe a trabalhar com esta faixa etária deve atuar com estímulos básicos, considerando e ampliando os recursos da descoberta corporal da criança. Considera-se que toda a preparação para a escrita e a leitura, a implantação dos hábitos e atitudes, dentre outros aspectos não podem prescindir de uma coordenação motora bem trabalhada na educação infantil.

Os elementos básicos da psicomotricidade são verdadeiros pré-requisitos, condições necessárias para uma boa aprendizagem. O primeiro passo para quem quer lançar esta proposta numa escola é criar um ambiente estimulador, com um clima de segurança e alegria, com profissionais especializados, que irão educar com atividades voltadas para a tomada de consciência da criança sobre seu corpo a partir das sensações, das percepções e experiências. Neste ambiente o adulto deve criar possibilidades e organizar as atividades para tal, a partir das produções da criança, dos seus interesses, de maneira a despertar curiosidade sem esquecer de respeitar a sua maturidade.

Nota-se que em âmbito institucional de ensino muitos educadores se voltam para este princípio, mas se perdem na hora de aplicar as atividades e estruturar o ambiente para atender as crianças. Este estudo discute a importância da psicomotricidade na educação infantil como auxiliar no desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos de idade, focalizando o uso no aspecto ambiente físico e mesmo nas relações dos profissionais que formam o grupo de recursos humanos.

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, com base em livros, publicações avulsas, revistas e internet, que sirvam de embasamento para o enriquecimento do assunto. Usa-se a pesquisa documental: através da análise de arquivos e documentos oficiais.

O trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo enfoca o histórico e a definição da psicomotricidade como área de estudo. No segundo capítulo tem-se a evolução psicomotora da criança e seus distúrbios. Já no capítulo três discute-se o trabalho psicomotor na educação infantil.

1. HISTÓRICO E DEFINIÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE COMO ÁREA DE ESTUDO

Sobre a origem dos estudos sobre Psicomotricidade, Mazzo e Goellner (1991), afirmam que o pioneirismo nos estudos é de Dupré (década de 40), psiquiatra francês, que definiu psicomotricidade de forma rigorosa, baseada em estudos clínicos e debilidade motora.

O termo psicomotricidade apareceu no discurso médico no princípio do século XX, com os trabalhos de Dupré. A história da psicomotricidade nasceu com a própria história do corpo, seguindo um longo percurso marcado por períodos de transição, sofrendo reformulações decisivas que culminaram nas concepções atuais.

Toda a cultura teve sua origem nas grandes cidades gregas, e o homem grego sabia conferir ao corpo um lugar de destaque. Contudo, sua ideologia reserva o corpo para o mundo real, o da corrupção, do transitório. Platão considerava o corpo como lugar de transição da existência no mundo de uma alma imortal, que, sendo puramente imaterial, pertencia a uma totalidade metafísica e nela se reintegraria, no momento da morte do corpo (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Aristóteles entendia o homem como uma certa quantidade de matéria (o corpo) moldada numa forma (a alma). Sua concepção parece mais moderna, pelo menos em relação às ciências psicológicas, permitindo ampliar o campo de discussões de psicólogos como William James e Janet.

Lançando as bases de toda ciência moderna, Descartes afirmava ser a totalidade do real organizada segundo duas substâncias diferentes: a da esfera intelectual e espiritual, a “substância pensamento” e a da esfera da natureza e das coisas materiais, a “substância extensão”. Desta forma, seria o homem capaz de articular essas duas substâncias, reunindo-as em si mesmo sob a forma de alma e de corpo, respectivamente (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Descartes, desta forma, concebeu o movimento humano como sujeito à consciência voluntária. No entanto, foi preciso esperar por Maine de Biran para que se concebessem noções próximas das que utilizamos. Foi ele o primeiro a fazer do movimento um componente essencial da estrutura psicológica do Eu.

Segundo Biran, o eu constituiria uma realidade atuante que não se pode definir, mas tão somente apreender. Logo, o Eu seria vivido em sua própria apreensão, afirmando-se pelo Eu no esforço. O esforço muscular seria então o fundamento da vida psíquica: seria na ação que o eu tomaria consciência de si mesmo e do mundo, sendo a vontade a determinante da vida psicológica, mas de forma ativa, e sujeita a variáveis da vida emotiva e somática do sujeito (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Bergson, segundo caminho aberto por Biran, impôs a necessidade de considerar o corpo como um aspecto fundamental da constituição do indivíduo. Desta forma, surgiu o interesse dispensado ao comportamento sensório-motor, que veio a ser objeto essencial de estudos na área da psicomotricidade por pedagogos (Claparede, Montessori) e psicólogos (Janet, Piaget) posteriormente.

Já no final do século XIX, Charcot viria a se interessar pela função motora, fazendo dela a base da patologia psiquiátrica, baseando-se em seus estudos clínicos do fenômeno a que denominou de “membro fantasma” (um indivíduo amputado conserva a impressão da existência do membro que perdeu). No entanto, Charcot não conseguiu dominar os aspectos inconscientes do fenômeno que envolvia a questão da imagem do corpo, porque lhe faltavam os conceitos necessários (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Foi Freud quem primeiro definiu de maneira rigorosa o conceito de inconsciente, apercebendo-se que todo ser humano era constituído pelo conjunto de elementos de sua “pré-história”, e, sobretudo, de incidentes que pontuaram as suas relações com o meio, durante os primeiros anos da infância.

Sendo assim, para Freud, o corpo desempenharia papel importante nas formações inconscientes, porquanto o corpo seria justamente a fonte biológica de todas as pulsões.

Em última análise, foi a partir da teoria freudiana do inconsciente que o indivíduo deixou de estar sujeito aos ditames da vontade, sendo seus gestos, suas atitudes, seus comportamentos e suas reações corporais decorrentes freqüentemente de motivações inconscientes.

O ato do nascimento da psicomotricidade é, sem dúvida, mais ou menos arbitrário, pois toda inovação é fruto de um longo processo. No entanto, foi em 1905 que, a partir de trabalhos de Dupré, estabeleceu-se a diferença radical entre a motricidade e seu aspecto negativo, a relaxação (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Foi de fato a partir desta época que apareceram os primeiros trabalhos, que vieram a constituir o ponto de partida de uma elaborada reflexão sobre o movimento corporal. Foi Dupré quem definiu, de forma rigorosa, baseado em estudos clínicos, a debilidade motora, a instabilidade e isolou perturbações tais como os tiques, as sincinesias e as paratonias.

Essas pesquisas situavam-se num eixo essencialmente neurológico, em contrapartida à abordagem mais especificamente psicológica, que enfocava um aspecto da personalidade psicomotora até então inexplorado – a imagem do corpo.

Quer seja a abordagem fisiológica como as de Dupré e Head, quanto ao esquema postural, quer seja ela psicanalítica como a de Schilder, quanto à imagem do corpo, os investigadores contemporâneos tentam definir a realidade do Eu ativo que falava Maine de Biran. O propósito deles é definir a realidade do fenômeno da “consciência de si”, que se manifesta, sobretudo como consciência de seu corpo e que permite a auto-apreensão em face dos outros (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Esses rumos de pesquisa foram paulatinamente se desenvolvendo, criando condições propícias a uma compreensão.

No entanto, o ato do nascimento da Psicomotricidade é resultado de trabalhos contemporâneos a Dupré, sendo que as primeiras pesquisas situam-se no campo da neurologia, ramificando-se para as áreas da patologia cortical, da neurofisiologia e da psiquiatria infantil.

Por muito tempo essas pesquisas privilegiam este campo da neurologia, até que, a partir da década de 30, começa a acontecer uma mudança de enfoque, centralizando-se agora na Psicologia e Psicanálise.

Nomes como Heald, Schilder, Gessel, Wallon passam a se destacar nesse cenário. Também fazem parte nomes como Claperède, Montessori, Freinet e Piaget, cujas idéias serviram de respaldo para um movimento na educação denominado de Escola Nova (MAZZO & GOELLNER, 1991).

A grande contribuição para o movimento dos psicomotricistas franceses vem junto com os estudos de Diatkini e Ajuriaguerra relativos a distúrbios psicomotores, mais precisamente na década de 50. Este momento constituiu-se um marco para a história da Psicomotricidade, pois rompe definitivamente com o imperialismo neurológico.

Na busca de uma corrente filosófica para se identificar, a Psicomotricidade passou por considerações de várias vertentes, abrangendo três cortes epistemológicos.

O primeiro corte se deve às práticas reeducativas que procuram superar o dualismo cartesiano (corpo e alma) e são influenciados pela óptica da neuropsiquiatria, da neurologia e da patologia cortical, o segundo corte se deve as práticas educacionais que são influenciadas por teóricos do desenvolvimento infantil tais como Piaget, Wallon e Montessori, o terceiro corte as deve a prática terapêutica na clínica psicomotora que sofre influência da teoria psicanalítica freudiana (MAZZO & GOELLNER, 1991).

No Brasil, na década de 50, a psicomotricidade passa a ser empregada nas escolas especiais ligadas às áreas das deficiências (auditiva, visual, motora, mental), numa perspectiva eminentemente reeducativa.

Assim, pode-se afirmar que a Psicomotricidade não tem suas origens no campo de Educação Física, e que a elaboração do referencial teórico psicomotor não está vinculado aos técnicos do movimento, mas sim aos neurologistas, psiquiatra, psicólogos e pedagogos. Tem, então, suas raízes na área terapêutica (MAZZO & GOELLNER, 1991).

Nesse contexto, surge uma polêmica que diz respeito ao perfil do profissional que irá atuar frente a ação psicomotora. Essa discussão é resultante do precário conhecimento que se tinha acerca da área, influência de diversos métodos e escolas, bem como das informações traduzidas por profissionais brasileiros que retornavam de cursos realizados no exterior, o que gerou uma polêmica a respeito da verdadeira identidade do psicomotricista.

Após esse momento, começam a definir dois perfis profissionais: o primeiro, representado por grupo de psicólogos que contemplavam a atuação clínica; o segundo, composto por reeducadores e professores de Educação Física.

“a primeira fase da pesquisa acerca da Psicomotricidade deteve-se sobretudo, no desenvolvimento motor da criança. Posteriormente, surgiram pesquisas sobre o desenvolvimento das habilidades manuais e aptidões motoras em função das faixas etárias” (MAZZO & GOELLNER, 1991, p. 33).

Recentemente, as pesquisas não se baseiam apenas nos problemas motores, mas fazem ligações deste com a lateralidade, a estruturação espacial e a orientação temporal, como também, buscam evidenciar as dificuldades escolares de crianças ditas normais.

O ano de 1978 é um marco histórico para o desenvolvimento da Psicomotricidade no Brasil. A Psicomotricidade, que desde então, vem tentando delimitar seus espaços de atuação e firmar-se como ciência.

A Psicomotricidade tem sido trabalhada sob diversos prismas e de maneira isolada, permitindo, assim, a pluralidade de abordagens do termo.

No primeiro Congresso Brasileiro de psicomotricidade realizado em 1982, a Psicomotricidade é conceituada como uma ciência, cujo objeto de estudo é o homem, através do seu corpo em movimento, nas suas relações com seus mundos, interno e externo.

Devido aos diversos prismas que a Psicomotricidade é vista, vários autores apresentam seus conceitos de acordo com a linha de trabalho que realizam.

“A dimensão filosófica do ser em psicomotricidade é sustentada pela fenomenologia existencial, na medida em que se centra sobre os três elementos chaves que são o corpo, tempo e espaço, a partir de uma compreensão da psicomotricidade como um campo do saber que tem por objetivo concreto real o corpo e suas relações com o outro, o mundo e o objeto (e coisa)” (MAZZO & GOELLNER, 1991, p. 35).

Coste (1991, p. 9), coloca a Psicomotricidade como uma ciência encruzilhada, ou seja, *“uma técnica em que se cruzam e se encontram múltiplos pontos de vista, e que utiliza as aquisições de numerosas ciências constituídas (biologia, psicanálise, sociologia e lingüística”.*

Para Fonseca (1987, p. 51), a Psicomotricidade:

“é o movimento como comportamento, numa relação consciente e inteligível entre a ação do indivíduo e a ação circunstancial, evitando-se observações restritas ao trabalho de ossos, articulações e músculos, como se o corpo fosse uma máquina posta em movimento por um psiquismo que habita o cérebro”.

Segundo Coste citando Ajuriaguerra, a Psicomotricidade *“é a realização do pensamento através do ato motor, preciso, econômico e interno” (COSTE, 1991, p. 12).*

Hurtado (1997, p. 18), coloca que a Psicomotricidade é *“educação dos movimentos ou, através dos movimentos, visando a melhor utilização das capacidades psicofísicas da criança e favorecendo o seu desenvolvimento”.*

A visão inicial que se tinha da psicomotricidade era principalmente neurológica (COSTE, 1991). Somente após algumas décadas que a noção global do desenvolvimento da criança normal apareceu. Segundo Coste (1985), a psicomotricidade é uma técnica na qual encontramos diferentes pontos de vista e que utiliza os conhecimentos de diferentes ciências. Lapierre (1989) e Aucouturier (1986) ressaltam que a psicomotricidade é muito mais que um conjunto de técnicas, é também a relação do psicomotricista com a criança, seu corpo e sua personalidade. É um instrumento do desenvolvimento global da criança.

Segundo Lapierre (1989), a psicomotricidade nasceu de duas correntes de pensamento: uma que se inspira na epistemologia genética de Piaget, a outra nasceu dos princípios da psicanálise de Freud. A primeira, piagetiana, é associada à fenomenologia existencial de Merleau-Ponty. As pesquisas desta corrente foram orientadas visando o desenvolvimento cognitivo e racional.

É na ação que a espacialidade do corpo se completa e a análise do movimento próprio deve permitir-nos compreendê-la melhor. A segunda, associada a não-diretividade rogeriana, é orientada visando o domínio psicoafetivo. Portanto, certos psicomotricistas, não utilizam essas referências psicanalíticas em sua prática. Existe uma discordância entre os conceitos utilizados em psicanálise e a prática psicomotora desenvolvida com a criança. A utilização dos princípios psicanalíticos provocam uma ambigüidade entre a prática psicomotora e a prática psicanalítica.

Para Lapierre (1989), a psicomotricidade, com suas duas orientações, coloca em questão o lugar do corpo no desenvolvimento da pessoa, e conseqüentemente, o lugar do corpo na educação.

Wallon (1979), salienta a importância do aspecto afetivo a qualquer tipo de comportamento. Existe, para ele, uma evolução tônica e corporal chamada diálogo corporal. Este diálogo é fundamental na origem psicomotora, pois *“a ação desempenha o papel fundamental de estruturação cortical e está na base da representação.”*

Os estudos de Piaget (1988) atestam a importância da experiência motora, da relação do corpo e o espaço para desenvolver a inteligência. A partir dessas concepções, o corpo passa a ocupar um espaço importante na educação.

Lapierre e Aucouturier (1989), referem-se a diferentes autores: Freud, Wallon, Piaget, Rogers, entre outros, delinearão e esclarecerão, em certos momentos, suas próprias observações. Os autores ressaltam que não se trata de tentar uma impossível síntese entre estas diferentes concepções, mas de utilizar, segundo as circunstâncias, os conceitos que lhe pareçam, enquanto educador, enquanto recriador, melhor se adaptar à prática da psicomotricidade.

2. EVOLUÇÃO PSICOMOTORA DA CRIANÇA E SEUS DISTÚRBIOS

Com a necessidade do conhecimento dos processos existentes desde a infância até a idade adulta, surgiram correntes teóricas explicativas do desenvolvimento humano com a psicanálise, que centralizou seus estudos nos processos emocionais e irracionais, enfatizando a presença de impulsos primitivos; e o Behaviorismo, que estudou as características individuais do homem, mostrando a conduta comum resultantes de processos pela estimulação ambiental.

Piaget apresentou uma visão interacionista. Mostrou a criança e o homem em um processo ativo de contínua interação, procurando entender quais os mecanismos mentais que o indivíduo usa nas diferentes etapas da vida para entender o mundo, já que acreditava que a adaptação à realidade externa depende basicamente do conhecimento (interação do organismo com o meio, ou seja, processo de construção).

Piaget (1976) divide os estágios de desenvolvimento, da seguinte forma:

Período sensório-motor (0 aos 2 anos)

Representa a conquista através do reflexo, percepção e dos movimentos de todo universo prático que cerca a criança, ou seja, a formação dos esquemas sensório-motor irá permitir a organização inicial dos estímulos ambientais, permitindo que o final do período se possa, de forma rudimentar, lidar com situações que lhe são apresentadas.

Período pré-operacional (2 aos 6 anos)

No início deste período, a criança está desenvolvendo a linguagem o que lhe dará possibilidades de, além de se utilizar da inteligência prática decorrentes dos esquemas sensoriais-motores formados no período anterior, formar esquemas simbólicos, ou seja, representar uma coisa por outra (por exemplo, uma caixa de fósforo se transformar em um carrinho para brincar).

Também se encontra na fase do egocentrismo cognitivo ou intelectual, pois seu pensamento será caracterizado por uma ludicidade já que não possui esquema conceituais, ou seja, uma mistura de realidade com fantasia.

A fase pré-operacional é considerada como uma transição também no aspecto da linguagem, isto porque a linguagem egocêntrica (não necessita de interlocutor) se sobressai da linguagem socializada (com intenção de comunicação).

Período operacional concreto (6 aos 12 anos)

Devido à formação de esquemas conceituais (conhecimento real, correto e adequado de objetos e situações da realidade externa), a realidade passará a ser estruturada pela razão e não mais pela assimilação egocêntrica. Assim, a tendência lúdica do pensamento será substituída por uma atitude crítica.

Período operacional formal (12 anos em diante)

Na adolescência, o indivíduo será capaz de formar esquemas conceituais abstratos (conceitos, termos como: amor, fantasia, justiça) e realizar com eles operações mentais que seguem os princípios da lógica formal, fornecendo-lhe, portanto, riquezas em termos de conteúdo e flexibilidade de pensamento.

*“A partir de estudos do modelo psicanalítico, os conceitos típicos de consciente e inconsciente cedem lugar a três fases psicanalíticas, que constituem modelo dinâmico da estruturação da personalidade: **id** (constituído pelo conjunto dos impulsos instintivos inatos, que motivam as relações do indivíduo com o mundo), **ego** (representa a consciência, o racional) e o **superego** (valores culturalmente constituídos e assimilados)”* (DAMAZIO, 1998, p. 19).

Para Freud a fase do desenvolvimento infantil será definida com a organização da libido, em torno de uma zona erógena, dando uma fantasia básica e uma modalidade de ralação de objeto. A libido é, portanto, uma energia voltada para a obtenção de prazer e, neste sentido, é definida como energia sexual, em um sentido amplo, e que caracteriza a fase do desenvolvimento infantil como sendo uma etapa psicosexual, a saber:

- Fase oral (0 aos 2 anos): é através da boca que se começará a provar e conhecer o mundo.

- Fase anal (3 anos): a libido passa a organizar-se sobre a zona erógena anal. A fantasia básica será ligada aos primeiros produtos, ao valor simbólico das fezes.

- Fase fálica (4 anos): a erotização passa a ser dirigida para os genitais, desenvolve-se o interesse infantil por eles e a masturbação torna-se freqüente e normal.

- Fase genital (fase adulta): alcançar a fase genital é, para a psicanálise, atingir o pleno desenvolvimento do adulto normal.

Interagindo as teorias de Piaget e Freud, Damazio (1998) afirma que:

“a criança vai elaborando seus códigos de comportamento, conforme experimenta a satisfação ou não de suas necessidades em contato com o mundo externo e as pessoas, projetando no mundo e nas pessoas suas sensações, fantasias e desejos; e recebe de fora as pressões e as satisfações que serão absorvidas e interpretadas segundo seus meios” (Damazio, 1998, p. 20).

O referido autor destaca quatro tópicos para melhor explicar o mundo infantil:

• **Criança X adulto:**

A criança não é melhor nem pior que o adulto, ela é diferente, ou seja, pensa e sente diferente; e como o adulto ajusta a criança de acordo com seus planos, anseios, aspirações e sua própria ótica segundo seus objetivos, a criança é quem é uma extensão do adulto.

• **Criança X família:**

É na família que a criança tem as primeiras pistas do que vem a ser o mundo civilizado e adulto já que é nela que conhece padrões, comportamentos e idéias.

- **Criança X escola:**

É na escola que a criança inicia sua vida social através da coletividade e experiências de relacionamentos. A escola possui uma educação sistematizada e formalizada onde se busca uma transmissão ordenada e serial de informações e conhecimentos e a preparação intelectual e ética do aluno para o convívio em grupo. Mas com a modernidade e a dificuldade de acompanhá-la, a escola se tornou descartável, ou seja, se preocupa em despejar conteúdos pré-fabricados transformando-se obsoleta.

- **Criança X modernidade:**

O trio brinquedo/mercado/ideologia é a grande contradição do mundo infantil moderno, pois transforma a criança em consumidor sem se importar com suas verdadeiras necessidades e conhecimentos culturais impondo-lhe outra cultura, fantasias e concepções de brincadeiras. Enfim, afirma que *“a criança possui seus processos próprios de articular a afetividade, o físico e a inteligência”* (DAMAZIO, 1998, p. 44).

Todo comportamento humano pode ser convenientemente classificado como sendo pertencente a um dos três domínios, ou seja, cognitivo, afetivo e motor.

Domínio cognitivo

Fazem parte do domínio cognitivo as operações mentais como a descoberta ou reconhecimento de informação, a geração de informações a partir de certos dados e a tomada de decisão ou feitura de julgamento acerca de informação.

O domínio cognitivo está presente nos objetivos vinculados à memória e ao desenvolvimento de capacidades e habilidades intelectuais e o classifica em conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação (ENRICONE, 1995).

Segundo o referido autor,

“os objetivos do domínio cognitivo enfatizam a reprodução de alguma coisa que presumivelmente foi aprendida, tanto quanto os que envolvem a resolução de alguma tarefa intelectual para o qual o indivíduo tem de determinar o problema essencial e, então, reordenar o dito material, ou combiná-lo com idéias, métodos ou procedimentos previamente aprendidos. Os objetivos variam desde a simples evocação de material até maneiras altamente originais e criadoras de combinar e sintetizar novas idéias e materiais” (ENRICONE, 1995, p. 72).

Domínio afetivo-social

Neste domínio estão presentes os sentimentos e emoções. Os objetivos do domínio afetivo/social são os que descrevem mudanças de interesse, atitudes, valores e o desenvolvimento adequado:

“os objetivos do domínio afetivo/social enfatizam uma totalidade de sentimento, uma emoção ou um grau de aceitação ou de rejeição. Os objetivos afetivos variam desde a atenção simples até fenômenos selecionados, até qualidades de caráter e de consciências complexas, mas internamente consistentes. Descobrimos grandes números de tais objetivos na literatura, expressos como interesses, atitudes, apreciações, valores e disposições ou tendências emocionais” (ENRICONE, 1995, p. 78)

Na pré-escola os objetivos afetivo/sociais são os que os alunos adquirem interesse pelo conhecimento do corpo, parado e em movimento, assegurando-se do seu domínio; respeito a si e aos outros; sociabilidade e participação; satisfação pela prática das atividades físicas e da recreação; realizar as instruções individuais e coletivas.

Domínio motor

Do domínio motor fazem parte os movimentos. Em muitos estudos, o domínio motor é mencionado como domínio psicomotor em função do grande envolvimento do aspecto mental ou cognitivo na maioria dos movimentos.

Os objetivos do domínio psicomotor estão vinculados à área de habilidades manipulativas ou motoras, enfatizam alguma habilidade muscular ou motora, alguma manipulação de material e objetos ou algum ato que requer coordenação neuromuscular.

Segundo Hurtado (1997, p. 19): “o domínio psicomotor está presente na “educação dos movimentos ou, através dos movimentos, visando a melhor utilização das capacidades psicofísicas da criança e favorecendo o seu desenvolvimento”.

É essencial a formulação dos objetivos porque é a partir deles que se estabelecem conteúdos, procedimentos e avaliação coerentes com o fim a atingir, portanto, a seguir há registrado o comportamento da criança de quatro a seis anos para que se possa esclarecer os objetivos de cada idade.

Os domínios do comportamento humano são caracterizados, de acordo com cada idade, segundo autores, tais como: Borges (1997) e Hurtado (1997).

Quatro anos

Domínio cognitivo

Nesta idade a compreensão do passado e futuro é restrita, mas distingue entre a verdade e a fábula. É interessada e preparada em aprender o que é real e o que é “faz-de-conta”.

Borges (1997) concorda com Hurtado (1997) e acrescenta que com quatro anos a criança tem um pensamento não objetivo, análogo, ou seja, não pensa de modo concreto sendo o seu pensamento associado aos objetivos reais nos quais veja e toque.

Domínio afetivo-social

Afirmam que apesar de nesta idade a criança começa a apresentar sinais de solidariedade e socialização, ainda está em processo de adaptação ao mundo que, para ela é estranho e por isso precisa estar só e sonhar acordada, tentando explicar, por magia, o que não compreende (daí a importância das histórias de fadas).

Nesta idade é importante a brincadeira teatral devido a mudança de papéis que expressa suas necessidades, desejos e ansiedades já que a criança está em luta para conhecer-se e diferenciar-se de outras pessoas.

Domínio psicomotor

Concordam que nesta idade a criança tem maior independência da musculatura das pernas e anda com ritmo alternado de passos. A unilateralidade não é controlada e gosta de correr, saltar e de realizar atividades motoras afins.

As formas de movimentos são: andar, trepar, subir, correr, pular, lançar, pegar, rolar, carregar, equilibrar, etc.

Cinco anos

Aos cinco anos, os domínios do comportamento humano são classificados da seguinte forma:

Domínio cognitivo

Hurtado (1997), diz que a criança com cinco anos tem sentido de possessão em relação as coisas de que gosta inclusive a si mesma. Não possui noção geral de propriedade e tende a ser realista, concreta e a falar e pensar na primeira pessoa. É capaz de concentrar sua atenção sem distrair-se. Gosta de assumir pequenas responsabilidades aos quais possa corresponder. Com cinco anos a criança está descobrindo as diferenças entre a realidade e a fantasia e possui alguma compreensão de orientação temporal (ontem e amanhã) (BORGES, 1997).

Domínio afetivo-social

Segundo Borges (1997), é nesta idade que a criança precisa ficar um tempo sozinha já que nesta fase não é fácil; ser sociável, pois é preciso tempo para encontrar sua própria forma de fazer, acertar e errar.

Domínio psicomotor

Os músculos fortes, o senso de equilíbrio e a flexibilidade estão muito maiores do que nas idades anteriores. Já há um domínio da lateralidade e demonstra graça e habilidade inconscientes, tanto na coordenação motora grossa quanto na coordenação motora fina (BORGES, 1997).

Le Boulch (1995), afirma que é a partir desta idade que a criança vai adquirir maior controle de seus movimentos, devido principalmente aos processos de maturação. Portanto, a noção espaço/temporal ainda é pobre e os movimentos são exagerados apesar de melhor coordenados do que no estágio anterior.

Seis anos

Aos seis anos, os domínios do comportamento humano são classificados da seguinte forma:

Domínio cognitivo

Com seis anos a criança está em idade de transição, com mudanças fundamentais no aspecto somático e psicológico. Tem dificuldade de manipular idéias opostas (manipulação de bipolaridade) (HURTADO, 1997).

Borges (1997), confirma o que Hurtado (1997) diz e acrescenta que nesta idade a criança está se despertando para a realidade do mundo já que se sente mais capaz de experimentar e viver intensamente na medida de que aprende a ler e escrever. Também começa a ter um pouco de seqüência lógica: início, meio e fim.

Assim como na idade anterior, não dá importância ao sexo, ou seja, meninos e meninas se respeitam mutuamente.

Domínio afetivo-social

A criança com seis anos organiza-se em grupos cada vez maiores e necessita da aceitação deste grupo, procurando se identificar com ele (BORGES, 1997).

Domínio psicomotor

A criança de seis anos utiliza posturas corporais, palavras e gestos para expressar emoções e idéias. Já conseguem participar de jogos com regras fixas (BORGES, 1997).

Le Boulch (1995), afirma que é nesta faixa etária que a criança vai adquirir eficiência mecânica, coordenação e controle dos seus movimentos, proporcionando melhor desempenho nos seus atos.

Nesta fase o objetivo do educador será levar a criança ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das formas de movimento, e possibilitar a ela a aquisição das primeiras combinações desses movimentos.

Para este autor, o comportamento de movimento é caracterizado por uma necessidade de movimento, com crescente objetividade e estabilidade.

Além do desejo de rendimento no brinquedo e/ou na competição, são importantes a necessidade de imitação e, sobretudo a crescente capacidade da linguagem e do pensamento. A recepção da informação se desenvolve muito bem, e a elaboração de informações, ao contrário, ainda é muito limitada na ação motora.

Nestes períodos os exercícios físicos devem ser voltados para a forte necessidade de movimento que a criança dessa idade tem a solicitação de variações, o desejo de rendimento e a necessidade de imitação. É importante usar cada vez mais meios de condução rítmica/acústica, como batidas de palmas, palavras ritmicamente pronunciadas, etc.

No processo de formação do esquema corporal (imagem do corpo), a criança se encontra na etapa da “discriminação perceptiva”, desenvolvimento da sua

percepção interna e externa, ou seja, do seu próprio corpo e do mundo que está ao seu redor, e a partir daí ir construindo sua imagem.

Assim, a psicomotricidade evoluiu no tempo e a necessidade de uma visão global da criança apareceu. Esta visão é o encontro de todas as tentativas de análise e de explicação sobre a pessoa e o resultado de observações e experiências que diversos psicomotricistas realizaram em suas sessões de psicomotricidade. A globalidade criança manifesta-se em sua ação, que a liga emocionalmente ao mundo. Esta ação deve ser vista como um elo entre a estrutura somática, afetiva e cognitiva da criança. A visão global em psicomotricidade visa o desenvolvimento de todas as funções motoras, cognitivas, afetivas e sociais da criança.

O movimento assume uma grande significação. Inicialmente a criança apresenta uma relação difusa e desorganizada com o meio ambiente, pouco a pouco, começa a se expressar através dos gestos que estão ligados à esfera afetiva e que são, portanto, o escape das emoções vividas.

Hoje o homem também necessita das habilidades psicomotoras, embora tenha se aperfeiçoado mais para uma melhor adaptação ao meio em que vive. Quando uma criança percebe os estímulos do meio através de seus sentidos, suas sensações e seus sentimentos e quando age sobre o mundo e sobre os objetos que o compõem através do movimento de seu corpo, está vivenciando, ampliando e desenvolvendo suas funções intelectivas. Por outro lado, para que a psicomotricidade se desenvolva, também é necessário que a criança tenha um nível de inteligência suficiente para fazê-la desejar experimentar, comparar e distinguir seus objetivos.

O movimento é sempre a expressão de uma existência. A existência corporal impõem ao homem um duplo papel – ele é seu corpo e ele tem um corpo; talvez o corpo seja seu instrumento, talvez a consciência de si coincida com sua corporalidade.

O distúrbio de aprendizagem já não é visto como um problema patológico, ou seja, somente a questão biológica.

Hoje em dia sabe-se muito bem que os problemas de a aprendizagem estão também inseridos nas questões sociais e emocionais do indivíduo ou até mesmo a falta da estimulação adequada.

“No entanto, deve ficar claro que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades (lingüísticas, perceptuais, motoras, cognitivas) e não se pode esperar, portanto, que seja determinado um único fator com o responsável pela dificuldade para aprender. Na verdade, os distúrbios de aprendizagem dependem de causas múltiplas, cabendo ao profissional que realiza o diagnóstico, o evidenciamento da área comprometida e conseqüentemente, a recomendação da abordagem terapêutica mais indicada para a superação das dificuldades” (MORAIS, 1986, p. 23).

O processo de aprendizagem acontece na criança muito antes de sua entrada na escola. Estes conceitos que ela adquiriu na fase pré-escolar servirá de base inicial para um treinamento a futura aprendizagem. Sua relação com a família e a comunidade é de extrema importância, pois elas são os objetos estimuladores dessa criança, pois se não houver estímulos suficientes para que essa criança se desenvolva, suas potencialidades existentes e as que ainda não foram desenvolvidas podem se atrofiar.

“Os problemas afetivos que a criança encontra no seu meio familiar ou simplesmente uma inabilidade educativa ou o pouco tempo consagrado pelos pais a participarem com os jogos da criança, a exigüidade do meio da criança podem conjugar-se, diminuindo a espontaneidade criadora.” (LE BOUCH, 1995, p. 128).

O estudo da Psicomotricidade abrange:

IMAGEM – CORPORAL

Esta habilidade implica no conhecimento adequado do corpo, ou seja, as funções que esse corpo desempenha. As mãos e o seu reconhecimento, pés, a cabeça etc.

Desta forma esse conceito de imagem corporal que a criança consegue expressar tornar-se indispensável para qualquer tipo de aprendizagem.

“No estágio escolar, a primeira prioridade constitui a atividade motora lúdica, fonte de prazer, permitindo à criança prosseguir a organização de sua “imagem do corpo” ao nível do vivido e de servir de ponto de partida na sua organização prática em relação com o desenvolvimento das atitudes de análise perceptiva” (LE BOUCH, 1995, p. 130).

A criança que não consegue desenvolver a imagem corporal, poderá ter sérios problemas em orientação espacial e temporal, na aquisição dos conceitos em cima, em baixo, dentro, fora, esquerdo, direito, horizontal, vertical e etc; no equilíbrio postural dificuldades de se locomover num espaço predeterminado ou escrever obedecendo aos limites de uma folha.

É através dele que a criança toma consciência de seu corpo e das possibilidades de expressar-se por meio desse corpo. É a percepção geral e diferenciada que temos do nosso corpo. Através do esquema corporal podemos perceber como nosso corpo se situa nos seus diferentes segmentos, na relação entre eles e na sua globalidade estática ou em movimento. Esta representação é dada a partir de sensações interoceptivas [vísceras e labirintos], propioceptivas [articulações, músculos e tendões], exteroceptivas [tato, visão, audição, gustação e olfato] e a partir de experiências de seu próprio corpo e do outro. O esquema corporal se desenvolve a partir da aprendizagem e da experiência.

LATERALIDADE

É o uso preferencial de um lado do corpo para a realização das atividades. Durante o crescimento, naturalmente se define a dominância lateral na criança: será mais forte, mais ágil do lado direito ou do lado esquerdo. A lateralidade correspondente a dados neurológicos, mas também influenciada por certos hábitos sociais. Segundo Le Bouch (1995, p. 131):

“Os problemas reais ou aparentes decorrentes da lateralização são, com freqüência, fonte de ansiedade nos pais e em muitos professores da escola maternal. Se é verdade que um certo número de dificuldades escolares estão relacionadas a problemas na lateralidade, a atitude mais correta a este respeito, a fim de ajudar a criança a conquistar e consolidar sua lateralidade, é uma ação educativa facilitadora permitindo-lhe exercer sua motricidade global).

Iniciar a aprendizagem da leitura e da escrita sem a aquisição destes conceitos, pode implicar em confusões na orientação espacial. A criança poderá apresentar dificuldades em discriminar letras que diferem quanto a posição espacial.

É por meio da lateralidade que a criança percebe que seus membros não reagem da mesma forma. É a noção existente entre os dois lados do corpo e da diferença que existe entre eles. A criança tem que perceber que tem órgãos pares; depois vai escolher mais o lado que é melhor; para depois saber denominar um lado e outro no seu corpo para, por fim perceber o lado esquerdo / direito da outra pessoa.

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

É a capacidade que um observador tem para perceber a posição de dois ou mais objetos em relação consigo próprio e em relação de uns com os outros.

A estruturação ou a orientação espacial seria a tomada de consciência da situação do seu próprio corpo em um meio ambiente, isto é, do lugar e da orientação que pode ter em relação às pessoas e coisas, a consequência da situação das coisas entre si, num determinado lugar e o movimento (LE BOUCH, 1995).

Portanto a estruturação espacial é parte integrante de nossa vida, aliás é difícil separar os três elementos da Psicomotricidade: Corpo – espaço – tempo.

Estruturação Espacial: é a maneira como a criança se localiza no espaço que a circunda e como situa as coisas, umas em relação às outras.

ORIENTAÇÃO TEMPORAL

É a capacidade de situar-se em função da sucessão dos acontecimentos: antes, após, durante, intervalos (tempo longo, tempo curto), ritmo, cadência rápida e lenta. A consciência destes conceitos vai permitir que a criança se oriente no tempo durante a realização das atividades. A ausência da orientação temporal pode causar dificuldades na pronúncia e na escrita de palavras, trocando a ordem das letras.

A Orientação Temporal diz respeito à maneira como a criança se situa no tempo. É a orientação temporal que lhe garantirá uma experiência de localização dos acontecimentos passados, e uma capacidade de projetar-se para o futuro, fazendo planos e decidindo sobre sua vida (LE BOUCH, 1995).

COORDENAÇÃO MOTORA GLOBAL

Coordenação motora global é a coordenação global que diz respeito à atividade dos grandes músculos. Depende da capacidade de equilíbrio postural do indivíduo. Através do movimento e da experimentação, o indivíduo procura seu eixo corporal, vai se adaptando e buscando um equilíbrio cada vez melhor. Consequentemente, vai coordenando seus movimentos, vai se conscientizando de seu corpo e das posturas. Quanto maior o equilíbrio, mais econômica será a atividade do sujeito e mais coordenadas serão suas ações. A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir a dissociação de movimentos. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente (LE BOUCH, 1995, p. 135).

COORDENAÇÃO MOTORA FINA E ÓCULO-MANUAL

A coordenação fina diz respeito à habilidade e destreza manual e constitui um aspecto particular da coordenação global. É através do ato de apreensão que uma criança vai descobrindo pouco a pouco os objetos de seu meio ambiente.

A coordenação óculo-manual se efetua com precisão sobre a base de um domínio visual previamente estabelecido ligado aos gestos executados, facilitando, assim, uma maior harmonia do movimento. Esta coordenação é essencial para a escrita.

RITMO

Esta habilidade está muito relacionada com o fator tempo, pois o ritmo consiste numa sucessão de duração, de alternância. De acordo com alguns autores, o ritmo é uma condição inata do ser humano.

Le Bouch (1995, p. 137) fala sobre o ritmo como suporte de ajustamento ao tempo e a percepção temporal.

“O exercício da motricidade espontânea da criança, não comprometida por um excesso de constrangimento e que se desenvolve num clima de segurança afetiva, traduz-se por uma motricidade harmoniosa e rítmica. O que se chama corretamente de um ‘gesto coordenado’ é, na realidade, um gesto rítmico, isto é, uma boa estruturação temporal, conferindo-lhe uma certa harmonia. É através do ritmo dos movimentos registrados no seu corpo que a criança tem acesso à organização temporal”.

O ritmo pode ocorrer em várias áreas de nosso comportamento. Ele traduz uma igualdade de intervalos de tempo. O ritmo envolve, pois, a noção de ordem, de sucessão, de duração e de alternância.

3. O TRABALHO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As diversas teorias sobre educação, especificamente as de Jean Piaget, são unânimes em considerar que os primeiros anos de vida de uma criança são muito importantes para seu desenvolvimento físico, emocional, social e mental. Nesse sentido, as instituições de educação infantil têm papel fundamental devendo favorecer um ambiente físico e social, onde as crianças se sintam protegidas, acolhidas e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios.

Um dos aspectos mais significativos da educação infantil é reconhecer a criança como sujeito desde o momento de seu nascimento; como ser único, com identidade própria, necessitando receber uma atenção adequada as suas necessidades básicas para seu desenvolvimento. Tais necessidades podem ser de origem biológica, cognitiva, emocional e social (alimentação, vestimentas, carinho, respeito, entre outros). Outros fatores decorrem dos princípios da educação infantil, como o reconhecimento do espaço, a familiarização com a imagem do próprio corpo, as experiências nos gestos corporais - expressividade, bem como a exploração dos movimentos. E isto tudo tem a ver com a psicomotricidade. Mais do que nunca se deve pensar de que maneira isto se dará e de que maneira a criança poderá estar alcançando também sua autonomia confiante em si mesma (SÁNCHEZ, MARTINEZ E PEÑALVER, 2003).

A primeira iniciativa é criação de um ambiente educativo que lhe permita tomar consciência de que existe a partir de suas próprias sensações, percepções e experiências. Um ambiente saudável e seguro, que reflita alegria e diversão, pois toda criança quer diversão. Neste ambiente, o adulto é o mediador ou acompanhante deste processo de aprendizagem e deve levar em consideração que atenderá indivíduos em desenvolvimento e que esta idade é a base para a formação da personalidade deste ser, sem esquecer da individualidade. Se o adulto se encontrar em sintonia com o desejo e com as necessidades da criança, será estabelecida uma relação privilegiada, de companheirismo, segurança e afeto. A criança o terá como alguém que está ali para ajudá-la, para lhe dar atenção.

“Nesse meio educativo, a criança tomará consciência de que existe e de que essa existência é prazerosa porque alguém está ali para reconhecê-la, para dar significado à sua ação e oferecer-lhe uma ressonância ajustada a suas emoções” (SÁNCHEZ, MARTINEZ E PEÑALVER, 2003, p. 12).

A psicomotricidade hoje, como ciência da educação, visa a representação e a expressão motora, através dos aspectos cognitivo-afetivomotor na otimização corporal. Isto significa que ela não pode ser usada isoladamente e deve ser enriquecida com outras áreas, de maneira interdisciplinar. É na fase da educação infantil que o corpo requer mais movimentos e muitas dificuldades de aprendizagem podem ser superadas com o desenvolvimento das técnicas psicomotoras. Os três primeiros anos de idade, então, são consideráveis às aquisições da criança; ela possui todas as coordenações neuromotoras essenciais: andar, correr, pular, falar, jogar. *“Estas aquisições são sem dúvida, o resultado de uma maturação orgânica progressiva, sobretudo o fruto da experiência pessoal”* (ALVES, 2003, p. 130). Pode-se dizer, então, que isto é aprendizagem.

Na educação infantil a prioridade da psicomotricidade é ajudar a criança a ter uma percepção adequada de si mesma, reconhecendo seu corpo, suas possibilidades e limitações, para então se sentir segura e poder se arriscar na conquista do seu espaço, facilitando assim sua comunicação e a expressão de suas idéias. Acredita-se que a psicomotricidade auxilia e capacita melhor o aluno a superar as dificuldades de aprendizagem.

A educação infantil está voltada para a formação da criança de 0 a 6 anos de idade, sendo a primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral do aluno nos aspectos afetivo, cognitivo, psicomotor e sócio-cultural, através do lúdico e do concreto, respeitando sua individualidade. Isto está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96. *“A educação infantil será oferecida em: - creches, ou entidade”* (BRASIL, 2001, p. 48)

Busca-se tratar a psicomotricidade como técnica ou uma espécie de apoio ao desenvolvimento da criança. *“A prática psicomotora deve ser compreendida como um processo de ajuda que acompanha a criança em seu próprio percurso maturativo”* (SANCHEZ, MARTINEZ e PEÑALVER, 2003, p. 13).

A técnica elaborada dentro dos aspectos da psicomotricidade estará auxiliando na superação das dificuldades e no domínio dos distúrbios psicomotores e de aprendizagem. Sem dúvida a criança irá crescer e se desenvolver com ou sem a psicomotricidade, mas os aspectos primordiais que formam parte da globalidade deste ser estarão sendo trabalhados por esta de maneira a fortalecer e melhorar este desenvolvimento. Estes aspectos são a afetividade, a motricidade e o conhecimento.

“Esse percurso é universal no desenvolvimento de todos os seres humanos e deve ser a base de qualquer projeto pedagógico para a educação infantil, base para construir uma prática pedagógica coerente (...) Conseqüentemente um projeto educativo coerente, baseado nos princípios citados, favorecerá um ambiente preventivo, uma vez que entende a criança como um ser único, com uma expressividade própria, oferecendo-lhe a possibilidade de existir como sujeito diferente, portador de sua história pessoal” (SANCHEZ, MARTINEZ E PEÑALVER, 2003, p. 13)

Cada criança possui sua ‘bagagem’ que, de certa forma, os educadores invadem para extrair o que há de bom e ruim, selecionam e recolocam o que realmente é válido para este desenvolvimento. Cada criança traz consigo uma linguagem própria, que determina sua ‘bagagem cultural’; mas mesmo existindo dificuldades a comunicação acontece. Esse é o primeiro passo: alcançar a comunicação, que a princípio é verbal. *“Qualquer criança que alcance a capacidade de se comunicar é um sujeito aberto aos outros, que pode trabalhar e criar com eles”*. (SANCHEZ, MARTINEZ e PEÑALVER, 2003, p. 15). E isso é crucial para viver em grupo.

O segundo passo é aprender a respeitar as diferenças e conhecer melhor as realidades para explorar as experiências de cada um. Depois de estar ciente da existência do indivíduo e conhecer seu mundo, pode-se iniciar o trabalho educativo. Pode-se restaurar, ou melhor, moldar algumas atitudes e comportamentos ditos como inadequados ao convívio social. Àquele que se encontra com dificuldades ou problemas na aprendizagem destes comportamentos cabe a interferência da técnica psicomotora, como prática de auxílio, respeitando as fases maturacionais do indivíduo.

Se a prática psicomotora for inserida desde os primeiros anos de vida da criança, isto é, desde bebê tudo se dará gradualmente. Segundo Sanchez, Martinez e Peñalver (2003) a técnica psicomotora estabelece através das sessões de trabalho, um roteiro educativo de maturação global (motora, afetiva e cognitiva) marcado e estabelecido em tempo e espaço, dentro de uma proposta de desenvolvimento evolutivo, tendo como seguimento as teorias de Wallon, Piaget e Freud, a partir das perspectivas psicobiológica, cognitiva e psicanalítica respectivamente.

O objetivo fundamental é proporcionar a criança situações que permitam viver emocionalmente, seja o espaço, os objetos ou a relação com o outro. “*Trata-se de uma prática que respeita a evolução filogenética, uma vez que parte da mobilização corporal até a conquista da linguagem*”. (SANCHEZ, MARTINEZ e PEÑALVER, 2003, p. 105) Trata-se realmente de uma prevenção ao que supostamente atrapalharia a aprendizagem. Em relação ao movimento, se a criança tem dificuldades em fazer o movimento de pinça, por exemplo, o educador ao trabalhar com atividades voltadas para a coordenação motora fina, estará auxiliando para que este movimento aconteça.

Sendo o ser humano um ser indissociável, que tem inteligência, afetividade e motricidade, seu desenvolvimento depende em grande parte da influência do meio. Pois, para o desenvolvimento infantil, dentro das concepções interacionistas, são fundamentais os estímulos do meio em que a criança está inserida. Não que o indivíduo seja criatura passiva diante do ambiente, mas sim possível de interação. E o adulto é visto neste processo como o principal agente e promotor do desenvolvimento, pois ele vai moldando o comportamento e o conhecimento da criança. Todavia, isto não precisa acontecer de maneira excessiva, mas pode-se dizer que sem o adulto a criança não se desenvolveria completamente.

Nesse sentido, tomando por base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) voltados para a educação infantil, destaca-se que “*as instituições de Educação Infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas, acolhidas, (...) seguras*” (REF. CURRICULAR NACIONAL, 1998, p. 15) E isto quem poderá lhes proporcionar é o adulto que precisa entender das

suas necessidades e anseios, daí a importância de profissionais habilitados e competentes.

Os aspectos relevantes neste contexto, ou melhor, o que se espera de uma pré-escola lúdica de educação infantil com a alegria e a segurança em função da aprendizagem, é que ela esteja voltada para a promoção da interação social, do desenvolvimento das habilidades físicas e intelectuais dos alunos, firmamento do senso de responsabilidade, levando a criança a organizar e preparar seu material, a trocar idéias, saber ouvir e debater, descobrir coisas novas, participar de jogos variados de forma ordenada, interiorizar regras de convívio em grupo. A criança tem que sentir prazer em freqüentar a escola. Antes de qualquer coisa o ambiente deve ser agradável para ela. A curiosidade e a formulação de conceitos têm que se dá de maneira envolvente, permitindo brincar, sorrir, falar e criticar. A criança que vive em um ambiente menos estimulador, possivelmente encontra ou encontrará maior dificuldade para aprender.

Dá-se a importância à limpeza e à higiene do ambiente, mas é claro que salas e pátios organizados demais são evidências de que não existe crianças por perto. Pois, criança mexe e remexe, “bagunça” buscando reconhecer os objetos. Mas, o aprendizado também se dá quando o adulto pede e ela passa a organizar os espaços, como por exemplo, guardar os brinquedos após a brincadeira. Crianças que não são levadas ao pátio para brincar em balanços, trepa-trepas, brincar com água, areia, subir e descer escadas, escalar e engatinhar, são tolhidas e não se desenvolvem completamente. Já aquelas que sobem em árvores, correm, soltam pipas, brincam livremente, dificilmente terão dificuldades motoras.

De nada adianta a instituição manter um espaço físico muito equipado com brinquedos e objetos maravilhosos sem permitir que os alunos os explorem. Os desenhos, rabiscos e garatujas ao invés de serem guardados em pastinhas, precisam ser expostos em murais, varais ou outros. Os brinquedos podem ser improvisados, desde que seguros, podendo ser utilizados pneus, bambolês, caixas de papelão, materiais recicláveis, entre outros. A criança precisa vivenciar seu corpo, precisa andar, correr, pular e saber (aprender) respeitar limites, se ajustar à função dos objetos. Esse ajustamento parte das concepções piagetianas de

assimilação e acomodação, visto no segundo capítulo deste estudo, quando a criança ao interagir com o objeto atribui significações e equilíbrios.

Do que as crianças gostam? Elas gostam de histórias, de ampliar horizontes, de descobrir caixas, conversar, tocar, observar seu corpo no espelho, organizar os brinquedos (mesmo que não gostem isto deve ser feito), de música, montar uma bandinha, fazer barulho, mexer com frascos vazios e areia, pintar a pele, folhear revistas, jogar, entre outras atividades que bem conduzidas lhes darão um prazer enorme em ir para a escola, se esta assim desenvolver. E tudo isso a psicomotricidade traz em sua proposta de aprendizagem, partindo do esquema corporal, passando pelas percepções, coordenações, orientações e estruturações espaço-temporais, lateralidade, até as habilidades conceituais.

Mas para isso é necessário fazer do ambiente da criança um ambiente saudável. O que, segundo Ceccon e Protasio (2000), é ponto crucial de uma boa creche (ou pré-escola); é ser saudável, segura e alegre, onde as interações são movidas pela afetividade. Nestes apresenta-se a atitude do adulto como fundamental e sua formação é devida para dar prosseguimento às exigências de uma creche saudável.

“Mas ele - esse objetivo - só será atingido se a equipe de educadores acreditar que suas intervenções são estímulos para que as crianças ganhem condições de contribuir para a transformação da sociedade”.(CECCON e PROTASIO, 2000, p. 16).

Para isso a valorização do profissional também deve existir e isso se dá num ciclo de conseqüências. Daí a importância de ter uma equipe preparada para trabalhar numa instituição de educação infantil. Mas isto deter-se-á no próximo item.

Aqui se relacionam alguns materiais necessários para complementar o espaço físico da creche e pré-escola.

Em sala de aula:

- cubos e blocos de encaixe (plástico ou madeira)

- □ teatro de fantoches
- livros de histórias
- □ jornais e revistas
- □ roupas, fantasias e apetrechos como pulseiras, colares, maquiagens
- □ espelho (cuidado com este em sala de aula)
- □ folhas de papéis grandes
- □ tapete
- □ quebra-cabeça do corpo humano
- □ aparelho de som (músicas)

Materiais necessários no pátio:

- □ objetos para transpor (pneus, caixas, cordas, rampas)
- □ túnel para engatinhar e chegar ao outro lado
- □ bolas de vários tamanhos
- □ cordas
- □ balanços
- □ escorregas com escadas
- □ areia (deve ser tratada periodicamente)
- □ baldes e colheres de praia

Outros aspectos importantes para o efetivo trabalho psicomotor em creches e pré-escolas podem ser relatados. Educar requer orientação tanto para o educador quanto para o educando e sendo assim, é necessário um plano de trabalho; pois as atividades devem ser planejadas para haver uma direção estimuladora, que deixe claro para o educador o que se quer propor para a criança, como seguir e como avaliar. Além disto, é importante mencionar o total de crianças no grupo, para se efetivar o trabalho é necessário um limite de 15 crianças para um educador, com exceção do berçário (creche I) que, segundo Oliveira, Mello e Ferreira (2003), pede-se 6 crianças (de 3 meses a 1 ano) com auxiliar de turma.

Fundamentado em Ceccon e Protasio (2000), é importante ressaltar que para as crianças até três anos a rotina dá uma sensação de segurança, especialmente

aos bebês, além de constituir um referencial de tempo, por exemplo, a hora do banho vem antes da hora do almoço e do soninho.

Outro aspecto relevante para citar é que não basta o ambiente estar decorado sem despertar o interesse da criança; os objetos como quadros, cartazes e móveis devem ser usados para interagir a criança com o meio. Somente os desenhos copiados, ampliados e expostos na sala, por exemplo, dão uma idéia de artificiais, distante da impressão que poderia se ter daquelas produzidas pelas próprias crianças. Uma maneira de superar a idéia de artificialismo seria introduzir junto a estes cartazes com desenhos das crianças ou painéis que representassem a idade delas, a fase de desenvolvimento em que elas se encontram (ex.: carimbo dos pezinhos ou das mãos de crianças na faixa etária de 3 a 15 meses, sendo esta é uma atividade para desenvolver a sensação tátil, passando tinta nas mãos e no pés, onde poderá também estar sendo desenvolvida a percepção visual através das diferentes cores das tintas).

“É importante o educador ir observando como as crianças ocupam o espaço físico, como diferentes objetos são por elas utilizados, as situações em que as interações envolvendo as crianças são mais prolongadas, as atividades das quais elas mais tomam parte” (OLIVEIRA, MELLO, VITÓRIA e FERREIRA, 2003, p. 70).

Os materiais mencionados anteriormente, seja na sala ou no pátio, se à disposição da criança, favorecerão a organização espacial, pois ela irá desorganizá-los e arrumá-los e isso faz parte da proposta psicomotora – reconhecimento do espaço e dos objetos. Essas são as bases para a criação de um ambiente estimulador, fixando-se em atividades que despertem o interesse do educando e priorizando a alegria, a afetividade e a sua segurança.

Uma instituição de educação infantil de qualidade requer: planos de trabalho anuais, pais entrosados com o processo de ensino-aprendizagem, ambientes limpos, organizados e arejados, agradáveis a permanência neles, alimentação saudável, profissionais especializados, cuidados e higiene, além é claro da segurança, aspecto crucial para o desenvolvimento da criança e confiança dos pais.

O amor verdadeiro é sempre educativo e a educação verdadeira é sempre um ato de amor. O princípio básico para o profissional de educação, em especial na fase da educação infantil, é o amor e o respeito pelas crianças, o gostar de lidar com elas de forma sincera, afetiva.

A instituição de creche e pré-escola deve ser composta por uma equipe especializada. Segundo Ceccon e Protasio (2000), geralmente ela é organizada a partir de uma iniciativa de alguém que resolve responder a necessidade de uma comunidade, chamada de entidade mantenedora. A instituição, então, é formada pela entidade mantenedora, pela direção (alguém para dirigir e responder legalmente pela instituição), pelas coordenações administrativa (voltada para o setor burocrático, organizando documentos, responsável pela compra de materiais e alimentação, pelo funcionamento de maneira geral) e pedagógica, esta conta com suporte técnico de cinco especialistas: médico, psicólogo, nutricionista, dentista e pedagogo especializado em educação infantil, que é responsável pela saúde e educação, mais os educadores e o pessoal de apoio; partindo de um planejamento, instituindo um sentido de equipe, preservando pelo bom andamento das atividades que serão exercidas pela equipe de educadores, que também devem ser especializados em educação infantil.

A creche necessita, além destes profissionais, de um auxiliar de enfermagem e um berçarista ou lactarista (responsável pela preparação das mamadeiras e pela higiene do berçário). Todos esses agentes em conjunto, atuando, participando e interagindo, sem esquecer é claro da família da criança.

“A família deve ser acolhida por todos os profissionais, o trabalho de cada um deles deve ser mostrado com transparência e toda informação sobre a criança deve ser dada de forma completa” (CECCON e PROTASIO, 2000, p. 129), criando um clima de confiança e co-responsabilidade.

Segundo a LDB 9.394/96 a formação do educador para atuar na educação básica (onde está inserida a educação infantil) far-se-á em:

“nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena (...) admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível superior médio, na modalidade Normal” (BRASIL, 2001, p. 48)

Sendo assim, o professor de educação infantil deve ser preparado na base de nível superior de ensino para atuar. Uma exigência imposta na lei com o intuito de melhoria no salário destes profissionais. Mas muito se tem a desenvolver para a melhoria das condições de trabalho do profissional de educação infantil – professor; começando pelo reconhecimento da sociedade, da importância que tem a creche/pré-escola para o desenvolvimento da criança.

Assim como a Psicomotricidade a Educação Infantil vem ganhando espaço no decorrer dos anos. A batalha do profissional de educação infantil é ser persistente contra a discriminação para com o trabalho das creches e pré-escolas, que em geral são vistas como depósitos de crianças para os cuidados básicos, enquanto os pais e mães estão trabalhando.

O respeito por cada função exercida e a valorização dos profissionais é crucial para que estes se dediquem com entusiasmo ao trabalho. A instituição tem a responsabilidade de auxiliar na atualização de sua equipe frente às novas informações, dando oportunidades para o aprimoramento destes. A formação em serviço, as reuniões periódicas, a remuneração adequada, a informação e a orientação quanto aos cuidados com a saúde e a higiene são bases para a valorização dos profissionais e conseqüentemente para a efetivação do trabalho.

CONCLUSÃO

Após todo o estudo, tendo por base teórica a proposta da educação psicomotora, conclui-se que para se criar um ambiente estimulador deve-se primeiramente ter em mente que é preciso dar condições às crianças de aprenderem o que elas podem aprender, dentro do seus limites e possibilidades e não primordialmente o que se quer que elas aprendam; já que cada criança tem seu próprio ritmo; tendo como ponte o diálogo e a afetividade a favor da interação. E isto quem pode lhe proporcionar é o adulto que precisa entender suas necessidades e seu desenvolver.

Sabe-se que o homem se comunica através da linguagem verbal, de gestos, movimentos, olhares, forma de caminhar (sua linguagem corporal). A psicomotricidade visa privilegiar a qualidade de vida do indivíduo em uma relação sócio-afetiva e nela o corpo e a motricidade (os movimentos) são abordados como unidade e totalidade do ser, subtendendo a aprendizagem de adaptação deste ser, com a finalidade de associar dinamicamente o ato e o pensamento, o gesto à palavra, o símbolo ao conceito. Existe pois concordância entre estudiosos de que é a educação infantil a fase mais propícia para o emprego das atividades psicomotoras para prevenir futuros problemas ou dificuldades na aprendizagem escolar.

Os estímulos favoráveis e necessários junto à psicomotricidade para o bom desenvolvimento e crescimento da criança são a alegria, a afetividade e a segurança em função da aprendizagem, com um ambiente “sadio” voltado para a promoção da interação social, do desenvolvimento das habilidades físicas e intelectuais dos alunos, firmação do senso de responsabilidade, levando-os a organizar e preparar seu material, a trocar idéias, saber ouvir e debater, descobrir coisas novas, participar de jogos variados de forma ordenada, interiorizar regras de convívio em grupo. A criança tem que sentir prazer em freqüentar a escola.

Uma instituição de educação infantil de qualidade requer: planos de trabalho anuais, pais entrosados com o processo de ensino-aprendizagem, ambientes

limpos, organizados e arejados, agradáveis à permanência neles, alimentação saudável, profissionais especializados, cuidados e higiene, além é claro da segurança, aspecto crucial para o desenvolvimento da criança e a confiança dos pais.

A consciência que precisa ser formada é de que a educação infantil está cada vez mais explícita como necessária para o bom desenvolvimento da criança, pois tudo se dá nesta fase de 0 a 6 anos. É a fase da vida do indivíduo em que ele mais se desenvolve e para que futuramente não haja complicações e problemas de aprendizagem, este desenvolver precisa ser pleno nesta fase.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro: Wak, 2003, p15.

BORGES, C. J. **Educação física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/nº 9.394/96**. Apres. Jamil Cury. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CECCON, Claudius e PROTASIO, Jovelina. **A creche saudável: educação infantil de qualidade**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTE, J. C. **Psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

DAMAZIO, R. L. **O que é criança?** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ENRICONE, D. **Planejamento de ensino e avaliação**. 3ª ed. Porto Alegre: Sagra, 1995.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HURTADO, J. G. G. M. **Educação física pré-escolar e escolar de 1ª à 4ª série, uma abordagem psicomotora**. Curitiba: Prodil, 1997.

LAPIERRE, A. **Fantasma corporal e prática psicomotora**. São Paulo: Manole, 1989.

LE BOUCH, J. **A educação pelo movimento**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MAZZO, J. Z. & GOELLNER, S. V. **Psicomotricidade na escola**. Universidade Federal de Santa Maria: Centro de Educação Física e Desportos, 1991.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem**: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Edicon, 1986.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Tema e M^a. CLOTILDE, R. **Creches**: Crianças, faz de conta & cia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. São Paulo: Edipe Artes Gráficas, 1976.

PIAGET, J. **A formação simbólica na criança**. 3^a ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

SANCHEZ, Pilar A.; MARTINEZ, Marta R. e PEÑALVER, Iolanda V. **A psicomotricidade na educação infantil**: uma prática preventiva e educativa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento** – ensaio de psicologia comparada. Tradução de J. Seabra Dinis. Lisboa: Moraes Editores, 1979.